

Manuel Cândido Pimentel

Leonardo Coimbra, Vida e Filosofia

Lisboa, Universidade Católica Editora, 2019, 214 pp.

Esta obra é composta por um prefácio de António Braz Teixeira, uma apresentação do autor a justificar a origem do trabalho, dezoito capítulos de extensão variável e um índice remissivo onomástico e temático. Os capítulos dividem-se entre uma apresentação biográfica de Leonardo Coimbra, com destaque para a sua relação com o movimento da Renascença Portuguesa, e um diálogo hermenêutico com a sua filosofia criacionista em face dos messianismos proféticos, dos positivismos e das questões religiosas.

No prefácio, António Braz Teixeira evidencia a afinidade existente entre o pensamento de Manuel Cândido Pimentel e a filosofia de Leonardo Coimbra, quer em relação às questões epistemológicas e gnosiológicas, quer em relação às questões éticas, estéticas e religiosas. Recusando as perspetivas cousistas e positivistas da realidade, o pensador açoriano fundamenta o seu pensamento metafísico criacionista na noção de Ser como Excesso e Mistério.

Considera o autor que as razões deste livro sobre a vida e a filosofia do livre-pensador da Escola Portuense não estão na velha hermenêutica de compreender o texto a partir da vida, anulando a riqueza ontológica do mundo da obra, mas sim no reconhecimento de que o saber e o pensar desenraizados da vida não passam de uma estéril abstração. Partindo da noção de que a obra está sempre aberta a possibilidades infinitas de interpretação, desenvolve o seu diálogo com o mestre que nunca separou o pensar do viver, do sentir e do querer.

O primeiro capítulo apresenta-nos esta ideia criacionista de que os conceitos científicos e os símbolos estéticos e religiosos nunca esgotarão o real, porque este resulta da relação dinâmica e dialética do pensar com o ser em contínua construção. A realidade não é fruto de uma espera passiva da intervenção impositiva da razão despótica, nem se constitui como uma imposição extrínseca ao sujeito cognoscente. Dessa maneira, a metafísica do ideorrealismo criacionista distingue-se, por um lado, do imanentismo panteísta de Espinosa e do emanatismo panenteísta de Sampaio Bruno e, por outro lado, do dualismo deísta de Amorim Viana, constituindo-se no horizonte do teísmo personalista que procura a conciliação entre a transcendência e a imanência através das noções de participação, manifestação, irradiação, presença e excesso.

A realidade é ação criadora, e o Universo é concebido como uma sociedade cósmica fraterna, unificado pela relação das consciências monádicas na consciência divina. Recusando o panteísmo amoroso dos poetas Guerra Junqueiro e Teixeira de Pascoaes, o pensador Leonardo Coimbra afirma a coexistência analógica entre a imanência e a transcendência de Deus, defendendo o pluralismo ontológico e a abertura para o Infinito.

Manuel Cândido Pimentel reivindica-se como pertencente a essa tradição secular criacionista da Escola Portuense, elencando os nomes de todos aqueles que têm desenvolvido o seu pensamento sob o magistério de Leonardo Coimbra e da sua racionalidade aberta, que não reduz o transcendente ao imanente e não cai no imobilismo cossista de tendência dogmática ou criticista, mas propõe a atividade unificadora do diverso pela intrínseca dialética da experiência e da razão, da intuição e da dedução, do juízo lógico-analítico e do simbolismo analógico.

Esta dinâmica, traduzida pela faculdade da razão experimental e da *razão comovida*, noção da autoria de Manuel Cândido Pimentel, corresponde à própria memória inventiva dos seres e do mistério do Ser, garantindo o acordo social e a harmonia livre das criaturas. De modo distinto do panteísmo bergsonista do *élan vital*, para estes pensadores a unidade relacional de Deus não se reduz à pluralidade da sociedade monádica e o ser não se reduz ao conhecer. A excedência relacional entre o Ser e os seres, que se experimenta de forma atemática e implícita

na dinâmica vital da existência histórica, oculta-se na exclusividade do distanciamento predicativo e crítico-analítico e manifesta-se na transpredicação metafórica do lirismo metafísico. Como sublinha Manuel Cândido Pimentel, é factual o diálogo de Leonardo Coimbra com Heidegger e a sua apropriação de um conceito de verdade que não corresponde à *adequatio* tradicional, mas sim à dimensão revelacional do Ser que se manifesta e, ao mesmo tempo, se oculta no dinamismo inadequado do labor cognitivo.

O autor salienta que não há uma mudança no pensamento metafísico do cristão Leonardo Coimbra após a sua conversão formal ao catolicismo, espelhada na edição da obra *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, considerando que esta apenas culmina o seu trajeto de aproximação ao neo-tomismo e ao catolicismo mais ortodoxo, iniciado em 1923 com a obra *Jesus*. Pensador religioso matricialmente cristão e platónico, manifesta nessa obra a sua profunda afinidade com a metafísica patrística criacionista das Escolas de Alexandria e da Capadócia, que acentuam as noções da queda e da redenção ou regresso à condição perdida da comunhão originária em Deus. Irá fundar aqui a sua metafísica da Saudade, como sentimento da lembrança da comunhão originária perdida com desejo de regresso.

O acesso ao ser dá-se, não apenas pela experiência científica e pela experiência filosófica, mas também pelas experiências ética, estética e religiosa, e, na convergência metafísica dessas diferentes dimensões, o homem faz a experiência da peregrinação para a realidade infinita de Deus, que implica um salto, uma desmesura, uma metanoia. Contra as lógicas cartesianas e fenomenológicas da evidência apodítica, a noção criacionista de *hipervolume espiritual* da realidade exige a transcensão da razão para a *visão ginástica* do *lirismo metafísico*, que inclui a simbólica da Revelação religiosa. Neste contexto, Manuel Cândido Pimentel refere-se à poesia como uma forma de conhecimento que é desmesura e intuição ontológica, isto é, como uma via, ao mesmo tempo, racional e intuitiva de aceder à sabedoria do mistério do ser divino, realidade inefável que nos comunica o infinito.

Em 1911, a propósito da defesa do ensino religioso nas escolas, a religião é concebida por Leonardo, não no sentido de uma unidade eclesial fundada numa dogmática, mas no sentido gnóstico de uma

universal religação horizontal do homem com os seres e de uma religação vertical com Deus absolutamente transcendente e abscondido. Tem a função de educar a pessoa no acesso ao Mistério e à fraternidade universal e amorosa das consciências com a Consciência indizível e invisível. Em 1935 já é partilhada a convicção de que o catolicismo significa a presença da Verdade na temporalidade histórica e de que a religião não tem apenas a tarefa de formar as consciências e de contribuir para a educação integral do homem, no sentido do reconhecimento da dimensão espiritual da realidade, mas tem também um alcance redentor traduzido na verdade da ressurreição da morte pela graça do Espírito de Cristo ressuscitado.

Dessa maneira, considera Manuel Cândido Pimentel que a sua posição religiosa se distingue do cristianismo gnóstico de Teixeira de Pascoaes que não atende à verdade histórica da Encarnação. A Criação não resulta de uma cisão pecadora em Deus, como defende Pascoaes na linha de Sampaio Bruno, mas é comunicação do Amor superabundante de Deus que, por vontade livre, quis comunicar a outros seres a sua Vida. Neste sentido, Manuel Cândido considera que o criacionismo metafísico leonardino é anterior ao saudosismo da Renascença Portuguesa, propondo uma heterodoxa coeternidade do Criador às criaturas. Estas, separam-se da comunhão originária dos mundos espirituais, e Deus vem em seu socorro, criando o Mundo material e impedindo que se aniquilem no nada. O regresso à Origem não se dá por um simples retorno ou reintegração do heterogéneo no homogéneo indiferenciado, com a libertação da materialidade, mas dá-se de forma espiralar com a progressiva espiritualização do homem e do Universo. A plenitude escatológica não significa a fuga do Mundo, mas a espiritualização do Mundo, ilustrada pela noção bíblica de Nova Criação. Por outro lado, não significa a extinção nirvânica na indiferenciação escatológica do “Nada que é Tudo”, mas significa a plenitude da relação na Comunhão celestial entre o Criador e as criaturas.

Esta nova metafísica que atende à dimensão vital e amorosa do Ser, por distinção com a perspetiva clássica centrada no caráter inteligível e racional deste, é reconhecida por Manuel Cândido Pimentel que, nos últimos capítulos da obra, estabelece uma relação entre o criacionismo leonardino, o raciovitalismo de Ortega e o pluralismo ontológico de

Delfim Santos, em diálogo com a tese sobre as *regiões da realidade* de Husserl e de Nicolai Hartmann. A partir de uma abordagem fenomenológica, destaca o que há de comum entre a *razão experimental* de Leonardo e a *razão vital* de Ortega, por oposição à noção kantiana de *razão pura*. A racionalidade dá-se na concretude e na singularidade cultural da existência histórica, pelo que a configuração da realidade não se pode desenvolver fora do perspectivismo e das impurezas da circunstância pessoal.

Todos os pontos de vistas de cada época e de cada lugar dão o seu contributo para o progresso cognitivo, ético e espiritual da humanidade na construção da realidade e na evolutiva ascensão para a verdade. Esta é a educação profunda criacionista, que está orientada para a realização e imortalidade integral da pessoa. Enquanto existência encarnada e situada, o ser humano é um ser que se auto-realiza no mundo vital da temporalidade histórica pelo conhecimento e pela ação, tornando-se aquilo que já é, no desígnio criador da intencionalidade divina. No entanto, parece mais evidente em Manuel Cândido Pimentel do que em Leonardo Coimbra a convicção de que a esperança do regresso, não é ao passado de uma condição mítica pré-existente, mas sim ao futuro de uma condição misteriosa anunciada, pela realização plena na Graça do Mistério de Deus.

SAMUEL DIMAS